Casos & Causos

Arte Sacra

Eu acho que a história deles é verdadeira, pois, quando a ouvi, fui examinar a obra do Nardi e achei um personagem da Via Sacra, que adorna a nave da Matriz, com as feições do falecido empresário Toninho Marson, outro com feições de Renatinho Corsi, uma mulher que, segundo a falecida senhora Terezinha Possanholo, foi copiada de sua irmã Nonoi, entre outros. Mas o que importa nas obras que embelezam a nossa igreja é que elas são fantásticas e chamam a atenção até das crianças.

... o livro e soube que, em 1504, o Papa Júlio II convocou o artista Michelangelo Buonarroti para que, embora fosse escultor, executasse a decoração em pintura da famosa Capela Sistina, no Vaticano, uma das maiores obras criadas pelo ser humano. Segundo o livro, ao aceitar a convocação do Papa, o artista não tinha a menor ideia de como seriam os rostos que ele teria que colocar em suas pinturas. Então, o que ele fez? Saiu pelas ruas de Roma para encontrar, entre o povo da época, rostos que combinassem com as figuras que ele precisaria executar. Pelo que está descrito no livro, a imagem de São Pedro e de

Quando estão na igreja, elas ficam admiradas olhando para aquelas imagens.

... Martin, de apenas 4 anos de idade. A criança, curiosa, vinha fazendo perguntas à avó sobre as pinturas de Nardi. Primeiro, vendo o estilo das roupas das figuras sacras, perguntou por que todos vestiam pijamas. A Marisa respondeu que eram santinhos e que eles se vestiam daquele jeito quando existiram. E quando ele olhou para a última cena, do lado esquerdo, a que retrata Jesus sendo castigado pelos carrascos, perguntou: "Onde aqueles homens tinham arrumado aqueles pedaços de pau para bater naquele homem?" Como retrata a pintura. Não ouvi a resposta da Marisa, mas naquele momento resolvi um enigma que perdurava há anos: por que o Nardi abandonou a obra antes de terminá-la? Ali estava a explicação.

O padre Lavelo, com certeza, brigou com o artista porque ele mudou a história sagrada, ensinada há séculos nas homilias. Os padres ensinam que o Mestre foi castigado com açoites e, na obra de Nardi, os algozes o castigam usando porretes de madeira.

Crônicas do Dia a Dia

Hipo-sexi de olhos brilhantes

... Envelhecer com tranquilidade e sabedoria faz com que todos sejam mais felizes. Existem alguns que são resistentes, não querem envelhecer, mas devemos aceitar e buscar sempre o melhor para cada idade. Isso deixa os dias mais leves. Quando envelhecemos, a caixinha dos remédios vem junto. Muitas vezes são só suplementos para ajudar a manter cabeça e corpo saudáveis. Para quem usa a caixinha de medicamentos, ela acaba virando um oráculo. Tem a hora do azul, ao meio-dia; o vermelho; e à noite, o branco.

Ah! A noite é triste. Tem aquele que não dorme ou aquele que dorme demais. Tem sempre um assunto nas rodas de amigos sobre remédios e sono. O engraçado é quando as pessoas começam a esquecer e tomam remédios errados. Será que já tomei ou não? Acabam tomando repetidos, muitas vezes porque não conseguem lembrar se já tomaram. Com o casal de velhinhos, acontece ainda de trocarem os remédios da esposa com o do marido e vice-versa. O marido dorme o dia todo porque toma o sonífero da esposa no almoço enquanto a esposa fica ligadona com o antidepressivo do marido. Confusão geral.

Tem gente que tem caixinhas de remédios que até parecem hipocondríacos e, todas as semanas, passam pelo menos 2 horas preparando os remédios dos próximos dias. Quando são mais velhinhos, podem até fazer confusão, administrar remédios errados e passar mal.

Ninguém quer envelhecer, mas já que essa é uma condição natural de todos os que não morrem jovens, temos que encarar. A tal caixinha de remédios passa a ser um ritual e cada vez que são usadas, é quase como orações ao engolir uma pílula. Após os sessenta anos, fazemos pactos diários com a vida. Mas, além das pílulas, existem alguns remédios que não estão na farmácia, como bons alimentos, exercício físico, abraços, amor, amigos, filhos, família, sorrisos, tranquilidade. Estes medicamentos acabam por fazer a diferença na vida das pessoas que os usam, trazendo alegria, ânimo, força de vontade, "joie de vivre" e fazer com que todos tenham grandes olhos brilhantes de felicidade.

Cultura e Vida

Por Henrique Vieira Filho

115 anos de cinema em Serra Negra

Cinema Itinerante da Sociedade Das Artes, na Residência Artística | Reprodução

As poltronas aveludadas, o cheiro de pipoca e a escuridão da sala. Quem nunca se emocionou com uma história contada no cinema?

Em dezembro de 1909, Serra Negra inaugurou o Joly Cinema e, não muito depois, tivemos o Cinema Central. O livro "Alcebíades Disse (e a História Confirma)" nos conta que era a época do cinema mudo e as exibições contavam com uma verdadeira orquestra ao vivo para musicalizar os filmes e entreter nos intervalos.

A projeção era feita por trás da tela, que precisava ser molhada de tempos em tempos para manter a nitidez, função esta exercida pelo Castrim, figura folclórica da cidade, que também era encarregado de pintar os cartazes publicitários, como: "Hoje grande cuceco (sic) no Cinema Central!". Dizem que sua grafia "criativa" fazia mais "sucesso" (palavra que se deduz do cartaz...) que muitos filmes!

Com o passar dos anos, tivemos ainda o Cinema Recreio Serrano e o Cine Democrata e, em 1934, "matando" todos os cinemas mudos, inaugurou o Cine Teatro República, trazendo para a cidade os filmes sonorizados. Tivemos ainda o Cine Rádio, o Cine Cardeal e o cinema no Centro de Convenções. Todos estes empreendimentos encerraram suas atividades.

Verdade seja dita, a decadência das grandes salas de cinema é um fenômeno global. A concorrência da televisão e, mais recentemente, da internet, com suas plataformas de streaming, é um fator inegável. A comodidade de assistir a filmes em casa, a qualquer hora, com uma variedade quase infinita de títulos, atraiu muitos espectadores.

Em uma época em que a tela do celular disputa a nossa atenção com a tela gigante do cinema, vale a pena refletir sobre a trajetória desse meio de entretenimento que marcou gerações. Aqui, foram 115 anos de sonhos, emoções e histórias projetadas em uma tela no escuro.

Será que o cinema, como conhecemos, ainda tem futuro? ...

... rante, como o da Sociedade Das Artes e da Residência Artística conseguem manter a chama viva, com mostras de filmes selecionados.

Graças ao incentivo da Lei Paulo Gustavo, nossa cidade está produzindo vários documentários curtas e médias metragens, além de webséries. Modéstia à parte, dois que eu recém lancei ("Cid Serra Negra - 100 Anos do Artista Que Levou o Saci para a Igreja" e "Iara, Guardiã de Nossas Águas") concorrem no Cannes Shorts Awards, um dos mais prestigiados festivais de cinema do mundo!

115 anos de cinema em Serra Negra

Cinema Itinerante da Sociedade Das Artes, na Residência Artística | *Reprodução*

As poltronas aveludadas, o cheiro de pipoca e a escuridão da sala. Quem nunca se emocionou com uma história contada no cinema?

Em dezembro de 1909, Serra Negra inaugurou o Joly Cinema e, não muito depois, tivemos o Cinema Central. O livro "Alcebíades Disse (e a História Confirma)" nos conta que era a época do cinema mudo e as exibições contavam com uma verdadeira orquestra ao vivo para musicalizar os filmes e entreter nos intervalos.

A projeção era feita por trás da tela, que precisava ser molhada de tempos em tempos para manter a nitidez, função esta exercida pelo Castrim, figura folclórica da cidade, que também era encarregado de pintar os cartazes publicitários, como: "Hoje grande cuceco (sic) no Cinema Central!". Dizem que sua grafia "criativa" fazia mais "sucesso" (palavra que se deduz do cartaz...) que muitos filmes!

Com o passar dos anos, tivemos ainda o Cinema Recreio Serrano e o Cine Democrata e, em 1934, "matando" todos os cinemas mudos, inaugurou o Cine Teatro República, trazendo para a cidade os filmes sonorizados. Tivemos ainda o Cine Rádio, o Cine Cardeal e o cinema no Centro de Convenções. Todos estes empreendimentos encerraram suas atividades.

Verdade seja dita, a decadência das grandes salas de cinema é um fenômeno global. A concorrência da televisão e, mais recentemente, da internet, com suas plataformas de streaming, é um fator inegável. A comodidade de assistir a filmes em casa, a qualquer hora, com uma variedade quase infinita de títulos, atraiu muitos espectadores.

Em uma época em que a tela do celular disputa a nossa atenção com a tela gigante do cinema, vale a pena refletir sobre a trajetória desse meio de entretenimento que marcou gerações. Aqui, foram 115 anos de sonhos, emoções e histórias projetadas em uma tela no escuro.

Será que o cinema, como conhecemos, ainda tem futuro? Creio que uma alternativa viável é o meio-termo: os cines-clubes, como é o caso do Kanemo e o Cinema Itinerante, como o da Sociedade Das Artes e da Residência Artística conseguem manter a chama viva, com mostras de filmes selecionados.

Graças ao incentivo da Lei Paulo Gustavo, nossa cidade está produzindo vários documentários curtas e médias metragens, além de websséries. Modéstia à parte, dois que eu recém lancei ("Cid Serra Negra - 100 Anos do Artista Que Levou o Saci para a Igreja" e "Iara, Guardiã de Nossas Águas") concorrem no Cannes Shorts Awards, um dos mais prestigiados festivais de cinema do mundo!

Com tantos talentos surgindo e com a produção audiovisual local em constante crescimento, por que não sonharmos em ter um espaço dedicado a exibir essas obras? Um cinema que seja mais do que uma sala escura e, sim, um ponto de encontro para cinéfilos, um local para celebrar a criatividade e a cultura da nossa cidade.

O mundo está sempre em busca de novas histórias. E por que não as nossas? O futuro do cinema está nas mãos de quem sonha!